

O MÉTODO PAULO FREIRE NA ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA

NASCIMENTO, Francisco Paulo do

RESUMO

O artigo busca provocar diálogo em torno da possibilidade de emprego do Método Paulo Freire na alfabetização ecológica. É um estudo conduzido por método dialético, com abordagens qualitativas, propedêutico. O lastro conceitual abrange obras de educação, ecologia, meio ambiente, desenvolvimento sustentável e reportes de círculos de cultura do curso “Como alfabetizar com Paulo Freire”, Edição 2022, da EaD Freiriana, do Instituto Paulo Freire. Aborda as principais características da educação popular e do método em questão, bem como as características desfavoráveis da educação hegemônica histórica, promovendo diálogo entre paradigmas pedagógicos de uma e de outra corrente educacional. Discorre sobre aspectos da ecopedagogia, alfabetização ecológica e fatores de perturbação do meio ambiente. Ao fim, defende a propriedade de emprego de metodologias educacionais freirianas em processos de educação ecológica e suas variantes, realçando a necessidade de conscientização das pessoas sobre a importância de aprender coisas úteis à vida humana e à biologia e falar a linguagem da natureza e dos princípios da sustentabilidade. É realçada a capacidade de o professor criar ambientes aprendentes, como círculo de cultura reflexivo, horizontal, dialógico, amoroso, conflitivo, libertador, em que se dialogaria sobre questões que afetam a natureza e as pessoas em seu lugar social.

Palavras-chave: Alfabetização Ecológica. Método Paulo Freire.

THE PAULO FREIRE METHOD IN ECOLOGICAL LITERACY

ABSTRACT

The chapter aims to stimulate a dialogue regarding the possibility of applying the Paulo Freire Method in the field of ecological literacy. This is a study based on a dialectical-qualitative method with a propedeutic orientation. Its conceptual basis is supported by works on education, ecology, environment, sustainable development,

and by reports from the culture circles of the course "The Paulo Freire Literacy Method", Edition 2022, of EaD Freiriana, of the Paulo Freire Institute. The text discusses the main characteristics of popular education and of the method in question, as well as the unfavorable characteristics of the historical hegemonic education, promoting a dialog between pedagogical paradigms of one and other educational current. It discusses aspects of ecopedagogy, ecological literacy, and factors of environmental disturbance. Finally, it argues for the proper use of Freirian educational methodologies in ecological education processes and their variants, highlighting the need for awareness about learning things that are useful to human life, biology, and speaking the language of nature and the principles of sustainability. The teacher's ability to create learning environments as reflective, horizontal, dialogical, loving, conflictive, liberating crop circles in which to dialogue about issues that affect nature and people in their social place is emphasized.

Keywords: Ecological Literacy. Paulo Freire Method.

1. INTRODUÇÃO

As catástrofes climáticas, ecológicas e sanitárias que assolam nosso planeta impõem à humanidade um senso de urgência nos processos da conscientização quanto à necessidade, imperiosa, de convivência respeitosa com a natureza, baseada em princípios da ecologia, da teia da vida e de sustentabilidade. Ou seria exagero semântico afirmar que vivemos uma crise humanitária, ética, social, econômica e ambiental, como uma guerra da humanidade contra a natureza?

Para tanto, seria necessária uma grande guinada educativa da raça humana rumo a uma alfabetização ecológica urgente e duradora, de crianças a idosos, como forma de desinstalar o conformismo e a inércia das pessoas no enfrentamento das mazelas e maus tratos com o meio ambiente, evitar flagelos globais e permitir a sobrevivência da humanidade.

Seria uma tomada de consciência a dizer: ainda há tempo! Como filhos e filhas da Terra, as pessoas têm responsabilidade de zelo (BOFF, 2022), impondo o uso da capacidade ilimitada mais para o bem da natureza e não para o mal. Em decisão coletiva podemos abandonar os círculos viciosos desviando nossa grande casa da rota de hecatombe em que pusemos todas as formas de vida. Ou seriam mantidos o mal-estar social planetário e a tendência de catástrofe coletiva com uma terrível solução de continuidade?

Historicamente, os processos educacionais e suas diversas vertentes filosóficas, pragmáticas, tradicionais e hegemônicas de educar não conseguiram abrir os olhos da humanidade para o possível flagelo e extinção de diferentes formas de vida. Fome da maioria, fartura de poucos; doenças pandêmicas, ciências avançadas; miséria global, opulência de pouquíssimos. Que tipo de educação foi dado à humanidade que lhe permite conviver, com indiferença e tolerância excessiva, com esses dualismos contraditórios?

E em que medida o método Paulo Freire de alfabetização poderia ser útil no processo de alfabetização ecológica e preparar pessoas para assumir sua condição humana, parcela de conhecimento da natureza e responsabilidade com a vida? E esperar por mudança da rota de futuro sombrio em que se encontra a humanidade.

Esta pergunta será o fio condutor deste estudo, guiado por método dialético, com abordagens qualitativas. É propedêutico, com lastro conceitual em obras de educação, ecologia e desenvolvimento sustentável, com reportes a conteúdos do curso “Como alfabetizar com Paulo Freire”, Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire.

2. DESENVOLVIMENTO

Os temas básicos desta seção serão o Método Paulo Freire de Alfabetização, tratado com maestria por Brandão (2005) e a alfabetização ecológica, aludida por Capra e outros (2006), com o auxílio conceitual de atores aos quais não se nega citação porque dizem melhor o que este escriba possa pretender dizer.

É inapropriado cogitar-se de método único em pedagogia, como se fosse um Leito de Procusto¹, já que se trata de atividade humana própria das ciências do espírito, como a educação, não das ciências exatas. Não existiria, em educação, uma única forma de ensinar e de aprender, posto que o tempo, os espaços, os contextos e os sujeitos envolvidos são diferentes.

O que chamamos de método Paulo Freire de alfabetização seria mais uma abordagem ou perspectiva didático-pedagógica, que vai do letramento de adultos à problematização de questões que afetam a comunidade e o aprendente, aninhada

¹ Leito de Procusto: mito que significa padrão, modelo, forma, medida única.

em um sistema maior do pensamento e práxis freiriana, e menos um método meramente, conforme primeiro círculo de cultura (EAD FREIRIANA, 2022).

Flexível, mas não ametódico, admite diversos processos e formas de ensinar, como diferentes maneiras de aprender, de acordo com o indivíduo aprendente, observadas suas experiências de vida, cultura, realidade, decodificadas pelas palavras e compreensão de mundo. Seria um “método que se constrói a cada vez que ele é coletivamente usado dentro de um círculo de cultura”² (BRANDÃO, 2005, p. 24).

Brandão (2005) leciona que o método compreende três grandes etapas, assemelhadas a uma pesquisa-participação, a saber: a) pesquisar as palavras mais pronunciadas na comunidade, que seria investigação do universo vocabular; b) selecionar temas geradores, escolhidos a partir de assuntos mais citados e presentes nas mentes e no dia-a-dia dos envolvidos como preocupação; c) problematizar a realidade por meio de perguntas para revelar o que é anormal na realidade de cada um e da comunidade, para descobrir o que precisa mudar e a forma de fazê-lo.

E que tipo de educação ou abordagem carregaria potencial de desenvolvimento do ser humano, seria mais emancipatória e teria mais pendor para a busca da ciência com consciência e para reorientar novas formas de viver: a educação popular ou a hegemônica?

Em uma abordagem dicotômica, observa-se que a educação pública tradicional estaria a serviço da reprodução do mundo, dos modos de ser e de viver, de produção e de consumo, de fornecedores e clientes (não de pessoas), de poucos muito ricos e não da maioria de muito pobres. Seria algo como um adestramento para continuidade do status social, interessado na permanência dos estamentos e imobilidade, com o que, segundo os positivistas, haveria estabilidade social, sem lutas de classes e sem mudanças, em um tipo de paz social obtida por uma violência doce própria da exploração de classes e domínio de grupos de indivíduos sobre outros.

Esse tipo de educação – tradicional, ensina o que a escola decide lecionar, não necessariamente o que o indivíduo precisa aprender, a depositar nas mentes em forma de repetição o que se ensinou no passado, muitas vezes

² Círculo de cultura: Brandão (2005). Freire preferia chamar as aulas de círculos de cultura.

independentemente do contexto das comunidades em que a escola está situada e das vicissitudes da sociedade.

O professor David Orr refere-se a um laboratório de informações sobre flora e fauna, geologia, história, uma série de ensaios para as pessoas. Cita a inexistência, em currículos universitários, de cursos de ecologia, hidrologia, uso de energia, programa alimentar, tratamento do lixo, bem como ser difícil encontrar cursos sobre a arte de viver em determinado lugar (2006, p. 119).

Ensinaram-nos o ciclo da produção de água? O papel da água para a vida? O que são os rios voadores? Quantos litros de água fornece uma árvore de 20 metros de copa, por dia? O que é evapotranspiração? O que é superpopulação? Qual o papel das abelhas na produção de frutas? Porque o clima está esquentando?

A propósito de ceticismo sobre a efetividade da educação tradicional para a humanidade, seus pressupostos e paradigmas que lhe sustentam, Nascimento (2021, p. 304), em obra tratando da futuridade de uma nova pedagogia, indaga: “A educação atual permite esperar um mundo acolhedor, justo, igualitário, de oportunidades para todos?”

Já a educação popular estaria a serviço dos sujeitos, despertando-os para sua realidade a partir do seu lugar e de seu dia a dia, em franco estudo para descobrir e compreender o que lhe satisfaz e o que lhe infelicitiza, suas formas claras e ocultas. Aguçando curiosidades para vislumbrar o devir, superar adversidades e construir o novo, em processo de libertação, de fortalecimento de sua autonomia para fazer o que será, no seu lugar, para si, para sua gente e para o todo.

As práticas aplicáveis ao método sugerem um rompimento com formas tradicionais e hegemônicas de educar, a exemplo dos recursos didáticos (fuga ao material pré-definido como cartilhas de alcance geográfico geral em favor do uso de internet, filmes, fotografias, pinturas, fichas de culturas e gravuras – recortes da realidade do grupo), fim da hierarquização entre educadores e educandos (quem ensina aprende, quem aprende ensina), relevância da realidade como fonte de pensar, de gerar conhecimento e de provocar transformação, empoderamento para a emancipação, disposição das pessoas em forma de círculo (e não uma atrás da outra olhando para a nuca da que está à frente).

De outra vertente, a educação baseada no método Paulo Freire tem como base a realidade de cada sujeito, do seu contexto, de seus problemas, das

preocupações que habitam seu imaginário, das ameaças à sua vida e à de sua comunidade.

Assim é que, parte de palavras mais pronunciadas na comunidade, seleciona temas da preocupação das pessoas e acaba por problematizar o que lhes aflige à cata de propor soluções.

Paulo Freire incluiu na práxis educativa a cultura das comunidades, assim entendida, para este raciocínio, o lugar social que o ser humano habita e escolhe para sua vida, no qual as pessoas são sujeitos de sua história.

Essa ideia é particularmente relevante para a educação ecológica, à medida que o fazer e viver humanos fazem os lugares, e esses fazem as pessoas e comunidades, em simbiose entre si e com todas as outras formas de vida, o que foi tratado em “Lugar e Pedagogia” pelo professor americano de política, educação ambiental e design ecológico, David. W. Orr (2006).

É nos lugares que fazemos, mediante as palavras que mais habitam a mente das pessoas e os temas sobre a biofilia, que ocorrem os diferentes tipos de adversidades da natureza, como secas, chuvas em excesso, falta de água, resíduos sólidos a céu aberto, desmoronamentos, queimadas, frio insuportável, calor excessivo, perdas de safras, falta de alimentos, diferentes tempestades, poluição do solo, rios e ar, mortandade de animais, epidemias, surtos de doenças...

Não seria difícil, na linha do Método Paulo Freire de Alfabetização, indagar aos alunos, de qualquer idade, contemplado o estágio cognitivo, os fatores da natureza mais lembrados nas comunidades e nas famílias. A partir daí gerar um tema objeto de pesquisa de sua origem, suas causas, seus efeitos presentes e futuros sobre as pessoas e sociedade, e soluções possíveis.

Ter-se-ia assim um conjunto de pessoas em fase de alfabetização ecológica, por meio das quais se iniciariam o despertar e o alento de potencialidades humanas, preparação para exercer alguns atributos educativos e emancipatórias como aprender as características da biofilia vitais para a vida humana; dialogar sobre o que aprende; dizer a sua palavra; escrever o seu pensamento; ser sujeito de sua história; pensar com sua mente; coletivizar o que aprende; criar a sua cultura, plantar e cultivar o futuro.

Essa educação poderia ocorrer ao longo da vida, iniciada logo na segunda infância (KUTCHISON, 2000), o que evitaria a nem sempre bem-vinda em

alfabetização visão adultocêntrica³ sobre as coisas - até a fase da velhice, em aprofundamento paulatino com o avançar da capacidade cognitiva dos aprendentes. Imagine-se, por exemplo, crianças da segunda infância, às quais se solicitaria a citação de animais, insetos e frutas. Fácil ver a oportunidade para falar sobre bichinhos e abelhas e a importância para a produção de alimentos pela polinização de plantas, lembrar que frutas não vêm do supermercado, mas da terra molhada (água).

E perguntar se água vem da torneira, ou onde pode ser encontrada, como é produzida e para que serve, qual seu papel para as diversas formas de vida. São temas que podem constar nos currículos e serem abordados de forma transversal. Em matemática, por exemplo, seria pertinente falar-se de água e árvores... Quantos litros de água são fornecidos por um conjunto de 400 árvores, cada uma com copa de 20 metros de diâmetro?

E viriam os rios voadores, a função das árvores para produção de água e do vento na distribuição... Tudo isso para levar o alfabetizando a descobrir que árvores dão frutos, refrescam o clima, e, além de fazerem água e sombra, fazem falta, muita.

Seriam os temas locais a serem abordados após decomposição de temas maiores como crescimento rápido da população; degradação das terras, das diversas formas de vida; destruição de florestas, das fontes de água; destruição da camada de ozônio e aumento da temperatura e do nível do mar; mudanças climáticas; crescente escassez de recursos naturais e de extinção de espécies. Haverá água e comida para todos? Viriam novas pandemias?

E o que seria a alfabetização ecológica? A temática comporta abordagens sob diversas perspectivas, não se resumindo a um conceito hermético.

Aludindo ao tema, o professor David W. Orr (2006, p. 11) cita que a “crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise da educação”, enfatizando que o problema é de educação, mas não estaria na educação. E complementa citando a necessidade de sua transformação em três dimensões: conteúdo, processo e alcance. Capra (2006) alarga a concepção referindo-se à educação para uma vida sustentável, afirmando tratar-se de uma pedagogia que ensina princípios de ecologia em abordagem multidisciplinar.

³Adultocentrismo: prática social que considera pessoas adultas sob perspectiva mais privilegiada do que crianças e adolescentes e mais preparadas para fazer escolhas políticas.

Tratando de ecopedagogia⁴, Gadotti (2000) afirma que é a pedagogia que busca educar para a cidadania global e planetária. Para Gutierrez e Prado (2002, p. 60), estudiosos pioneiros no estudo da temática, citados por Nascimento (2020, p. 310) trata-se de ‘aprender os sentidos das coisas, do dia a dia, a ser alcançada pelo conjunto de recursos, caminhos, modos, práticas, meios e espaços pedagógicos’.

Poder-se-ia afirmar, em uma redução eidética, que alfabetização ecológica seria ensino para convivência com os sistemas naturais vitais.

Sugere conhecimento, convivência e afinidade com o que Orr (2006, p. 9), citando o entomólogo⁵ e biólogo Edward O. Wilson, chama de biofilia, que seria o cuidado amoroso com a vida, a terra, a água, o solo e o lugar, ou seja, de forma simples, identificação e zelo com todas as coisas da terra, do céu e do mar.

Seria utopia iniciar e dar senso de urgência a um processo de alfabetização ecológica? Sim, mas é de utopias que vivem os professores (SHOR; FREIRE, 1986) e estudiosos da natureza, que se nutrem pela certeza de fazer algo para ajudar o outro e o planeta e se questionam, não raro, sobre o quê, por quê, para quê e para quem fazemos com nosso conhecimento e trabalho.

Deve-se ter em conta que um processo de mudança em escolas, com a inclusão de educação ecológica e novas formas de ensino e de aprendizagem, não será fácil e rápido, no dizer de Ann Evans (2006), enquanto Robert Hass (2006, p. 142) cita que docentes tentam descobrir como educar a nova geração para o mundo que ela vai herdar e como fazer isso de maneiras mais úteis e criativas e não por meio daquelas pelas quais a maioria de nós foi educada.

A luta não permite fuga, indiferença, nem esmorecimento. Inspira a muitos a árdua lida de Rachel Carson relatada no livro “Primavera Silenciosa”, que abordou de forma poética a ausência de canto de pássaros na primavera dos EUA em função de morte de aves por envenenamento. E indagava em tom dramático: “Será que alguém acredita que é possível lançar tal bombardeio de venenos na superfície da Terra sem torná-la imprópria para toda a vida?” (2010, p. 15). A pesquisadora enfrentou a poderosa indústria de defensivos agrícolas e, após desencadear formidável debate sobre o uso de pesticidas, responsabilidade da ciência e limites do progresso tecnológico, obteve, ao final, o banimento de certo veneno do mercado. Acreditou, lutou, perseverou, conseguiu. Lutou por todos, pelo todo.

⁴ Paradigma educacional, abordagem, proposta ou projeto pedagógico com concepção de educação integral, alcançando dimensões humanas, econômicas, sociais e ambientais.

⁵ Entomólogo: especialista em biologia que estuda os insetos e suas relações com as demais formas de vida.

3. PARA NÃO CONCLUIR

Há a consciência de que mudanças nas escolas são processos lentos, visto que a história da educação se confunde com a da humanidade, com seus embates, marchas e contramarchas, de avanços e retrocessos, com práxis e pressupostos marcados indelevelmente por paradigmas que presidem a empobrecida condição humana, como o fundamentalismo do mercado neoliberal, a eterna luta de classes, as formas de produção e de consumo, a ameaça à vida e ao planeta, o “antropoceno”⁶.

No entanto, as ameaças são tantas e de tal intensidade, que carece de a sociedade dar-se conta de que os avanços tecnológicos e a ciência sem consciência têm servido a uma parcela da humanidade, à custa dos recursos, finitos, do planeta, que é de todos. Assistimos como que anestesiados a socialização da pobreza, em duvidoso progresso edulcorado pela falácia do avanço da humanidade.

Avançamos para onde?

É possível pôr as pessoas de boa vontade acima da ganância das ideias neoliberais fundamentalistas e da exploração ambiental imoderada, ensinar que é possível conviver com realizações econômicas e qualidade de vida, em desenvolvimento harmonioso e equilibrado de todos os indivíduos e formas de vida, balanceando valores humanos, bem como inspirar indivíduos para influenciar em vez de permanecer oprimidos.

É necessária uma conscientização sobre a necessidade de desaprender grande parte do já aprendido com base em paradigmas que nos trouxeram à beira do precipício, e aprender coisas úteis à vida humana e à biofilia. Ou nos capacitamos para entender e conviver em harmonia com princípios da ecologia e da vida e falamos a linguagem da natureza e dos princípios da sustentabilidade, mediante um grande movimento e jornadas de alfabetização ecológica, ou tornaremos o planeta inabitável.

⁶ Antropoceno: termo cunhado por Paul Crutzen, especialista em química atmosférica, para designar período geológico atual, no qual a ação humana altera o funcionamento e os fluxos naturais do planeta ao promover intensas mudanças globais.

Nesse diapasão, aos professores reservam-se papéis relevantes, em especial chamando para si, como cita Freire, a responsabilidade pelo processo de ensino e aprendizagem, em uma relação crítica permanente sobre a prática docente, seu papel político e de agente transformador da sociedade, conforme lecionado em *Pedagogia da Autonomia* (1996), deixando clara a diretividade na pedagogia para educação ecológica.

Temos capacidade de criar ambientes aprendentes como círculos de cultura, que seriam espaços horizontais, sem hierarquia entre alunos e professores, dialógicos, amorosos, reflexivos, de conflitos, libertadores, em que se dialogaria sobre questões que afetam as pessoas e comunidades em seu lugar social, onde vivem, trabalham e convivem, superam trincheiras culturais, e alimentam esperanças de uma vida saudável. Onde se fazem sínteses coletivas, se problematizam o dia a dia e potencializam o usufruto do direito à vida em sua plenitude. Onde o docente cria, estimula, inspira, age, realiza, repensa, faz acontecer. Onde se renasce como professor e apoia a comunidade para fazer o que será.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Habitar a Terra**: qual o caminho para a fraternidade universal? Petrópolis: Vozes, 2022.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2005 (Coleção primeiros passos, 38).

CAPRA, Fritjof. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenóbia (org.) **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 47-58.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

EAD FREIRIANA. **Como alfabetizar com Paulo Freire**. Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São Paulo, 2022.

EAD FREIRIANA. Curso Como alfabetizar com Paulo Freire. Edição 2022. Módulo 1, Videoaula 1. **O que é o Método Paulo Freire**. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022.

EVANS, ANN. O processo de mudança da escola: uma visão sistêmica. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenóbia (org.) **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 287-294.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série Brasil cidadão).

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. (Guia da escola cidadã, v. 3).

HASS, Robert. Aprendendo a conhecer uma bacia fluvial. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenóbia (org.) **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 47-58.

HUTCHISON, David. **Educação ecológica**: ideias sobre consciência ambiental. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NASCIMENTO, F. P. do. Pedagogia da resiliência: uma nova educação é possível? In: ABREU, J. M. de; PADILHA, P. R. (org.). **Mestres do amanhã**: fazedores do futuro. São Paulo: Instituto de Educação e Direitos Humanos Paulo Freire, 2021. p. 303-316.

ORR, David W. Lugar e pedagogia. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenóbia (org.) **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 117-126.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção educação e comunicação, v. 18).

Capítulo do ebook "Como Alfabetizar com Paulo Freire". Abreu, Janina M; Padilha, Paulo R. (org). São Paulo: Instituto de Educação Paulo Freire e Direitos Humanos Paulo Freire. p. 39-47.